

que batiam no garrafão de café. Em seguida, como de costume, ouvi o ruído da chave na fechadura. Ouvi também, Marcinho bater com a chave na porta, pois, do lado de dentro havia ficado a outra chave. Levantei-me correndo, abri a porta, cuja chave estava realmente do lado de dentro, dizendo ao meu marido que o sono era tanto, que não me lembrara de retirar a chave da porta... Nesse instante, vi que o alpendre estava vazio, que o portão da garagem estava aberto e que nem o nosso carro e nem Marcinho estavam lá... Corri para dentro, ame-drontada e bati com a porta. Olhei o relógio, que marcava vinte e uma horas e dez minutos...

Retirei a chave da fechadura e fui para meu quarto, sem entender mais esse acontecimento...

O maior sonho de Marcinho era reformar aquela casa. O terreno era grande e ele queria fazer outras para alugar.

Reformamos a casa. Ela ficou totalmente nova, linda! Ficou grande e confortável. No meu íntimo, porém, tudo aquilo era sem importância para mim. O vazio que sentia, de vez em quando e também aqueles fenômenos estranhos de ouvir barulhos... Tudo ia me abatendo cada vez mais...

Os ruídos que, durante as minhas noites de insônia, eu ouvia, no distante e saudoso sítio do M., nos meus tempos de criança, eram qualificados por meus pais, como se fossem medo... coisas de criança que não dorme... impressões apenas...

E agora? Eu não era mais criança... Os ruídos continuam... Meus filhos ouvem... Meu marido, uma vez, também ouviu... Minha casa não é mal-assombrada... Em qualquer lugar que eu esteja há barulhos... Não sou paranormal, entretanto, sinto algo estranho em mim... Tenho medo de estar louca...

Em outubro de 1981, nasceu nossa filha Kristine. Kilden com um ano e cinco meses. Por ser ainda muito pequeno e por ser Kristine uma criança tranqüila, nossa atenção para com o garoto foi redobrada.

A partir dos dois anos, uma coisa, que no início não foi motivo de minha atenção, começou a acontecer: Kilden gritava, nervoso, que ele era o Alexandre, ele não era Kilden.

— Eu não sou Kilden, boba! Eu sou Alexandre!

Na realidade, nada disso tinha importância, pois seu nome era Kilden Alexandre. Que teria de mais, se ele estava preferindo o segundo nome?

Outras vezes, gritava:

— Eu não sou Kilden, boba! Eu sou o Padre! Eu sou Alexandre!

— Ah! Você vai ser padre!? — dizíamos.

— Não! Eu não vou ser padre, não! Eu sou o Padre!

Nada significava, para mim. Era apenas um ponto de vista do garoto. Estava eu mergulhada demais no indiferentismo perante a vida, na revolta, na frustração pelo fato de achar que eu, Marine Waterloo, merecia um lugar de destaque em algum setor cultural daquela cidade, ou até do Estado...

Os gritos e os berros de Kilden apenas demonstravam que ele era uma criança agitada e que até para com sua mãe era agressivo, pois quantas vezes disse-me palavras, que ninguém em casa usava, só para explicar que ele era o "Padre".

Apesar de não ser mais uma católica de missas, comunhões e procissões, também não havia eu aderido a outras seitas. Muito menos sequer pensava em admitir como certa qualquer noção de idéia do Espiritismo. Nunca havia estudado sobre o Espiritismo. Pensava que o que eu sabia bastava para fazer um julgamento. E o que sabia eu? Sabia erroneamente o que muita gente sabe: O Espiritismo é uma seita do diabo; é coisa de ignorantes e acaba por enlouquecer a pessoa que a ele se sujeita. Era mais ou menos assim que eu pensava.

Com uma variante, porém: A filosofia católica, na minha opinião, quase nada tinha de Cristã. Por isso, eu me sentia Cristã e não Católica. Era lamentável para mim e para as pessoas que me conheceram no tempo de Colégio, que eu não mais fosse Católica praticante.

Jamais passaria pela minha cabeça que houvesse um sentido espiritualista, um sentido reencarnacionista nas palavras de meu filho Kilden Alexandre. Ele fazia questão de deixar claro, com suas crises de exaltação, que ele não "ia" ser padre. Ele "era" o Padre.

Certa tarde, fui vítima de duas coisas esquisitas: Pedi ao Kildary que fosse ao bar de um parente de meu marido, a fim de comprar qualquer coisa, que não sei mais... Enquanto Kildary saiu, levei Kilden para tomar banho.

Era o limiar de 1983. Um ano promissor para mim, pois andava pela minha cabeça um desejo intenso de escrever algo que tivesse um cunho espiritual e artístico.

Foi assim, que, durante alguns dias entrei em um clima retrospectivo e escrevi **Sinfonia de Preces**. Foi, realmente, um ano de profundas "revelações" para mim.

Voltemos pois, ao banho de Kilden. Embrulhei-o com a toalha e levei-o para o quarto, a fim de vestir-lhe as roupinhas. Enquanto seguia para o quarto, perguntei-lhe:

— Onde a mamãe arranjou este amorzinho? Onde?

Sempre tive o costume de brincar assim com as crianças. Elas sempre